



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

O CONTO NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS

Débora Natali da Cruz Silva

Orientadora: Amara Cristina de Barros Silva Botelho

Universidade de Pernambuco – UPE (profletras.upe.matanorte@gmail.com)

INTRODUÇÃO

A formação de leitores na educação básica continua sendo um tema bastante recorrente nas discussões voltadas para o ensino de língua e literatura na escola. Geralmente, quando se discorre sobre o incentivo a prática da leitura e os caminhos necessários para a formação de um leitor maduro, atrela-se essa necessidade à leitura de textos literários.

De fato, um dos propósitos para o trabalho com a literatura na sala de aula é transformar os estudantes em leitores, incentivando-os e motivando-os para a prática da leitura através de obras e textos literários diversos. Antes mesmo de ingressar na escola, o indivíduo já é apresentado ao mundo da literatura através das histórias que lhe são contadas e dos livros de histórias repletos de ilustrações do qual já faz a leitura não-verbal. Desde a mais tenra idade, a literatura já está presente na vida das pessoas desenvolvendo a imaginação, despertando sentimentos, provocando novas experiências e aprendizados.

Seja no ensino fundamental ou ensino médio da educação básica, a literatura desempenha um papel de extrema relevância: proporciona ao indivíduo experiências novas a partir de cada leitura, de cada personagem e situação, proporciona uma nova visão de si mesmo e da realidade que o cerca. Daí advém seu caráter transformador.

No entanto, desconsiderando sua natureza transformadora, diversas vezes na aula de língua materna o texto literário é utilizado como mera desculpa para tratar de temas gramaticais. Essa abordagem esvazia o sentido do texto e impede que o estudante enxergue a literatura enquanto arte que proporciona prazer estético a todo aquele que se dispõe a mergulhar no seu mundo.

Os documentos oficiais como os PCNs (1998) e os Parâmetros para a Educação Básica de Pernambuco (2012) destacam a importância de um trabalho significativo com o texto literário na sala de aula, proporcionando prazer estético e novas experiências a cada nova leitura e descartando a visão utilitarista a partir da qual o texto literário é trabalhado nas aulas

de língua portuguesa. Diante disso, como trabalhar a leitura dos textos literários na sala de aula sem esvaziar seu significado? Como incentivar a prática da leitura entre os estudantes proporcionando, a cada leitura realizada, prazer, novas experiências e aprendizados?

O propósito deste artigo é justamente discutir a formação deste leitor: o leitor de literatura. Em tempos que parece que a escola tem esquecido o papel transformador da arte literária, esta discussão é de extrema relevância, especialmente no ensino fundamental, uma vez que é nesta etapa que os estudantes precisam ter um contato real e efetivo que a leitura literária pede. Além do aporte teórico apresentado, há a discussão de uma experiência com texto literário realizada em uma escola pública municipal da cidade do Recife, com alunos do 9º ano do ensino fundamental. A experiência de leitura com estes estudantes foi feita a partir do conto “Felicidade Clandestina” de Clarice Lispector e o encontro foi estruturado a partir da sequência didática básica para o letramento literário proposta por Cosson (2014). Foi realizado apenas um encontro, porém bastante proveitoso em que os estudantes puderam não apenas ler, mas discutir e trocar ideias e experiências a partir da obra.

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA

Já na Grécia antiga, a literatura era apontada como arte indispensável na formação moral e ética do indivíduo. Zilberman (1990) em *Sim, a literatura educa* aponta que através da declamação de epopeias, apresentação de tragédias e poesias eram transmitidos padrões de relacionamento com o intuito de educar do ponto de vista pessoal, social e político. Mais tarde, no século XVIII, com o surgimento da escola enquanto instituição de ensino obrigatório, a literatura foi assumindo cada vez mais um cunho linguístico: passou a servir de modelo para aprendizagem da língua, que era vista como homogênea.

No cenário educativo brasileiro, por muitas décadas perdurou uma visão tradicionalista no ensino da literatura. O texto literário era tratado como pretexto para ensinar prescrição gramatical, a linguagem dos autores consagrados era vista como um padrão para o uso correto e sofisticado da língua, desconsiderando totalmente suas variações. Ao lado dessa abordagem vazia do texto literário, estava a ensino da historiografia literária no ensino médio, distanciando ainda mais os estudantes com classificações desnecessárias e textos herméticos.

Quando se discorre a cerca de tais abordagens no passado, não significa que estas práticas não estejam presentes nas salas de aula hoje em dia. Infelizmente, em muitas escolas a literatura continua sendo um subsídio ou pretexto para ensinar gramática ou continua sendo um mero passatempo para os estudantes nas “aulas vagas”. O que se nota é que não lhe é dado



o seu devido valor enquanto arte que contribui imensamente para a formação de um indivíduo e constitui uma necessidade humana, como afirma Antonio Candido em seu ensaio *O direito à literatura* (2011, p.188):

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade.

A experiência literária é justamente o que costuma ser descartado no ensino da literatura, tanto no ensino fundamental e no ensino médio. E essa descaracterização faz com os estudantes a enxergue como algo enfadonho, desinteressante e desnecessário, além do caráter de obrigatoriedade que diversas vezes ela assume, através das fichas de leitura, dos resumos que são exigidos após cada leitura que é realizada. Esquece-se por meio de tais práticas que através da leitura literária é possível vivenciar novas experiências, sem deixar de lado a individualidade, constituindo por si só uma atividade bastante enriquecedora, como bem afirma Zilberman (1990, p.23):

A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, na medida em que permite ao indivíduo penetrar no âmbito da alteridade, sem perder de vista sua subjetividade e história (...). Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa raramente substituída por outra (...) de modo que o leitor tende a enriquecer graças ao seu consumo.

Atualmente, novas pesquisas tem se aberto para um trabalho com o texto literário que valorize a experiência estética e o prazer que a leitura literária provoca naquele que se dispõe a realizá-la. É preciso que a escola ensine ao estudante a enxergar a beleza que há no texto literário e, especialmente, ensine também a este aluno a explorar tais textos, tornando-o um leitor assíduo e autônomo.

O LETRAMENTO LITERÁRIO NA ESCOLA

A presença da literatura na escola através da leitura de textos literários e as várias possibilidades de trabalho que podem ser geradas a partir deles, como a dramatização, o júri simulado, a leitura expressiva entre outras atividades, caracterizam-se como práticas de letramento literário. Para Cosson e Paulino (2009, p.67), este tipo especial de letramento pode ser definido como *o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos*. Trata-se, pois, de um processo, em que o indivíduo está em constante crescimento,

transformação e aprendizado através de cada nova leitura. E também se trata de uma apropriação, em que o indivíduo toma para si aquilo que apreende de cada leitura que realiza atribuindo significados próprios.

É importante ressaltar que a leitura realizada de forma espontânea e livre por parte dos estudantes é muito importante e deve ser sempre estimulada pela escola. No entanto, o letramento literário realizado pela escola deve ir além do simples consumo de boas obras literárias. É necessária a exploração, a reflexão do que foi lido e experienciado pelos estudantes. Como bem afirma Cosson (2014, p. 29):

Se quisermos formar leitores capazes de experienciar toda a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler. Até porque, ao contrário do que acreditam os defensores da leitura simples, não existe tal coisa. Lemos da maneira como nos foi ensinado e a nossa capacidade de leitura depende, em grande parte, desse modo de ensinar.

Portanto, cabe à escola, no seu papel de formar leitores, ensinar os estudantes a ler e a explorar cada vez melhor o texto literário, tornando-os capazes de construir suas próprias interpretações, novos e diferentes sentidos para o mundo ao seu redor. A maneira como a escola faz essa exploração é que vai permitir que o estudante saia da superfície e penetre no significado profundo de determinada obra literária.

Diversas vezes, na sala de aula, há um certo “receio” por parte do professor ao explorar uma obra literária. Como todo e qualquer texto literário é plurissignificativo em sua essência há as diferentes interpretações construídas por cada estudante e as interpretações do professor. No entanto, ao invés de haver uma troca entre leitores, acaba se tornando uma via de mão única: o professor termina por impor sua interpretação da obra, anulando totalmente as opiniões e as ideias dos estudantes, o qual, muitas vezes, nem chega a ser questionado durante a aula. Ocorre também a situação que ao realizar uma atividade de leitura e interpretação através do livro didático, o professor considera válida somente as “respostas” trazidas pelo livro, como se a leitura literária não despertasse ideias e opiniões diferentes em cada leitor.

Práticas como essas revelam a insegurança por parte do professor, que muitas vezes mostra não saber lidar com diferentes interpretações que os estudantes possam vir a expressar. E tal insegurança o faz assumir uma postura centralizadora, dificultando que os estudantes verbalizem de forma simples o que realmente compreenderam e sentiram após a leitura da obra literária.

O que torna o letramento literário realizado na escola especial e único é justamente a possibilidade de compartilhar ideias, opiniões e interpretações, formando uma verdadeira

comunidade de leitores na sala de aula. Essa possibilidade de socialização pode tornar a leitura literária ainda mais enriquecedora para cada leitor, como bem afirma Colomer (2007, p. 143):

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas.

Na sociedade atual, a leitura literária tende a ser realizada de forma mais individual e silenciosa, diferente de tempos passados, como na Grécia antiga, que eram realizados festivais de declamações e apresentações de poesias e epopeias em público. Hoje a apreciação de uma obra literária tende a ser mais solitária e introspectiva, por isso, a sala de aula é local privilegiado para essa troca, em que todos podem enriquecer sua visão a partir da leitura do outro.

Outro aspecto relevante do letramento literário é colocar o texto literário como eixo central de qualquer atividade voltada para este fim. Isto não quer dizer que a leitura literária deva ser feita com um fim em si mesmo, mas que o ponto central de toda aula de literatura seja a leitura e a apreciação que se fez do texto e, a partir disso, inúmeras atividades podem ser desenvolvidas, como dramatizações, leituras expressivas no caso de textos poéticos entre outras atividades.

Embora que no ensino fundamental a literatura ainda não esteja presente como disciplina propriamente dita, é essencial que o estudante tenha esse primeiro contato com o texto para, após isso, realizar outras atividades proposta pelo professor em sala. Os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa para a educação básica, ao tratar em um eixo específico o letramento literário, afirmam que:

O trabalho com texto literário deve possibilitar que os adolescentes descubram o valor da literatura como produto cultural e estético e, para isso, as práticas de letramento literário devem estar voltadas centralmente para a leitura de textos e não para estudos teóricos.

Muitas vezes ocorre o inverso no ensino básico: primeiro há o estudo do texto dentro de uma perspectiva histórica, conhecendo o autor e seu contexto de produção, para depois haver (quando há) a leitura propriamente dita do texto. Práticas como essa não levam o estudante a apreciar uma obra literária e a reconhecer seu valor estético.

Para que o letramento literário concretize-se na escola é necessário sistematização, tendo como ponto de partida a leitura do texto literário. Como já discutido anteriormente,

escola e professores não devem cair na ingenuidade que basta distribuir obras literárias para que os estudantes leiam e façam a exploração sozinhos, sem que haja um ensino voltado para isso. É preciso ensiná-los como fazer essa exploração.

Realizar atividades tendo como de foco o letramento literário de maneira sistematizada não significa seguir “receitas” prontas ou ser excessivamente rígido no planejamento, e sim ter princípios norteadores que buscam atingir o objetivo proposto para cada atividade. Significa ter um começo, meio e fim tendo a leitura e a socialização de experiências e interpretações. Tudo isso sem deixar de lado o prazer da leitura. Cosson esclarece esta ideia quando afirma que (2014, p. 23):

Nesse caso é fundamental que se coloque como centro das práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos, e não as informações das disciplinas que ajudam a construir essas leituras, tais como a crítica, a teoria ou a história literária. Essa leitura também não pode ser feita de forma assistemática e em nome de um prazer absoluto de ler.

Como o objetivo das práticas de letramento literário é formar leitores, a proposta de leitura precisa ser realizada de forma organizada e sistemática, levando-se em consideração o perfil da turma, faixa etária e critérios adequados para a escolha da obra literária. O que se espera que os estudantes alcancem através da leitura é essencial para qualquer proposta em sala de aula.

METODOLOGIA

O conto literário é um gênero muito utilizado nas aulas de língua portuguesa. Por ser de menor extensão que o romance, pode ser trabalhado integralmente dentro do curto período da aula. Apresenta todos os elementos comuns a uma narrativa embora que de forma condensada.

Ao definir o conto costuma-se compará-lo ao romance, que é maior em extensão, com personagens em maior quantidade e com tempo, espaço e outros elementos da narrativa bem demarcados. A respeito desta comparação, Cortázar (1993) faz uma analogia entre o romance e o filme e entre o conto e a fotografia. Enquanto que no primeiro há um recorte da realidade, em que o contista ou o escritor precisam captar um acontecimento ou imagens marcantes; no segundo, há uma apreensão mais ampla da realidade para ambos, alcançada acumulativamente.

Considerando o conto na perspectiva de formação de leitores, há a necessidade da escolha planejada de qual ou quais contos serão lidos e explorados na sala de aula, pois como

afirma Lajolo (2000, p15) “ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum”. Os critérios devem levar em conta o perfil da turma, considerando-se sua faixa etária e interesses por determinados temas em especial. Como já discutido anteriormente, uma abordagem coerente que valorize a experiência estética do estudante com o texto lido é o que caracteriza o processo de letramento literário e o que vai despertar o estudante para a leitura literária e estimulá-lo a buscar novas leituras.

Para realização prática desta pesquisa, adotou-se a metodologia da sequência didática básica proposta por Cosson (2014). O processo é organizado em quatro momentos: motivação, introdução, leitura e interpretação, que levam o estudante a ler, refletir, socializar e registrar suas experiências e interpretações.

Os participantes desta pesquisa foram estudantes de um nono ano de uma escola pública municipal da capital pernambucana (Escola Municipal Professor Florestan Fernandes). São estudantes na faixa de 13 e 14 anos de idade com poucas experiências de leitura mas que demonstram grande interesse para atividades voltadas para este fim. O conto escolhido foi o *Felicidade Clandestina* de Clarice Lispector, que tem como enredo uma garota apaixonada por livros que está em busca do livro *Reinações de Narizinho*, prometido por uma colega de classe. O conto apresenta linguagem simples e uma temática especial: a paixão por leitura. E foi muito bem recebido pela turma.

O CONTO LITERÁRIO: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

Inicialmente, no momento da motivação para a leitura, questionou-se aos estudantes se já tinham sentido paixão por algum objeto, como um brinquedo, um livro, um presente que ganhou de um ente querido. Surgiram histórias bem inusitadas e divertidas, em que os mesmos relataram que sentimentos tiveram – de paixão, de carinho, de cuidado etc. - em relação a tal objeto. Em seguida, foram questionados quanto ao sentido da palavra *clandestino(a)*. Em face da dúvida deles, foram incentivados a buscar no dicionário o sentido da palavra. Após a identificação, foi apresentado a eles o título do conto que iria ser trabalhado.

Logo após esse momento inicial, foram apresentados à autora do conto, Clarice Lispector, por meio de uma breve leitura de sua biografia e imagens por meio do *data-show*. Ficaram conhecendo um pouco da sua história e carreira enquanto escritora e os anos que ela viveu no Recife, que é onde a narrativa é ambientada. Em seguida, foram apresentados ao conto, em que receberam uma xérox para uma primeira leitura inicial e individual do texto.



O contato pessoal com o texto é fundamental para qualquer trabalho com o texto literário. É fundamental que os estudantes leiam individualmente a obra, apreciem (ou não) e expressem verbalmente o que acharam, sentiram e compreenderam. A interpretação de um texto não deve ficar limitada ao esquema perguntas - respostas, como quase sempre os livros didáticos apresentam esse momento, mas pode ser através de registro oral em que os estudantes expressem-se a cerca do que foi lido.

Os estudantes leram o conto individualmente conforme estabelecido, e em seguida foram dirigidos a eles alguns questionamentos simples, por exemplo: quem eram os personagens principais, se narrativa estava em primeira ou terceira pessoa, onde se passam os acontecimentos, como se comportavam as duas garotas, a que estava em busca do livro e a que havia prometido o empréstimo, enfim questionamentos cujas respostas se encontravam na superfície do texto. Os estudantes, por sua vez, se expressaram demonstrando que foram capazes de compreender o conto lido.

No entanto, o momento de grande expectativa do conto havia sido retirado propositalmente, o momento que a mãe da garota que não queria emprestar o livro surge na história: *Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe(...)*. Os estudantes foram questionados se haviam percebido que faltava o restante da história: como a mãe da garota reagiu? O que será que aconteceu depois? A partir de tais questionamentos, foi lançado a eles um desafio: escrever sua própria versão do conto deste ponto em diante. Foram incentivados a usar a criatividade expressando o que achavam que teria acontecido depois. A ideia era fazer com que os estudantes fossem os mais autênticos possível.

Surgiram vários desfechos interessantes e alguns até cômicos, por exemplo, que mãe da garota que não queria emprestar o livro, colocou-a de castigo e assim ela ficou impedida de ir a uma festa na casa de uma amiga; já outra estudante colocou que a mãe ficou muito chateada com a filha e muito comovida com a garota que acabou dando o livro a ela; um outro estudante narrou que a garota emprestou o livro e elas ficaram muito amigas; enfim, desfechos inusitados, criativos, demonstrando que os estudantes se empenham para escrever quando há uma motivação para isso.

Atividades como esta valoriza a experiência do estudante com o texto literário. Para construir um desfecho para o conto, os estudantes precisaram ter tido o contato pessoal com a obra, como aconteceu antes da produção. Precisaram construir suas próprias ideias, imagens e conclusões a respeito das personagens e da situação narrada, por isso é fundamental a experiência individual com o texto.



Ao término da produção, os estudantes foram convidados a compartilhar suas versões finais. Os mais ousados expressaram-se prontamente, já outros fizeram timidamente, mas o mais interessante é que todos puderem refletir sobre seu desfecho a partir do desfecho do outro, enriquecendo assim a própria interpretação que construíram para o conto a partir da experiência do outro.

Após esse momento de troca, os estudantes receberam o texto na íntegra e foi feita uma leitura partilhada com toda a turma. No final, houve o confronto do final do conto com a versão produzida por eles em que se expressaram dizendo se aquele desfecho havia atingido ou não as expectativas deles. Também foi discutida a questão do título do conto, que foi levantada no início da oficina. Foi um momento bastante proveitoso e que, de maneira simples, os estudantes puderam verbalizar sentimentos, interpretações e impressões a cerca do texto lido.

Para finalizar a oficina, foi questionado a eles como compreenderam o último parágrafo do conto: *Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante*. Para além daqueles que entenderam esse desfecho de forma literal, houveram aqueles que afirmaram que ela havia amadurecido e que havia se encontrado através da leitura daquele livro.

CONCLUSÕES

Experiências como essa mostram a importância da leitura literária estar sempre no centro de qualquer atividade com o texto literário em sala de aula. O estudante, seja do ensino fundamental ou médio precisa ter um encontro pessoal com a obra, precisa construir suas próprias interpretações e ideias e, especialmente, fruir o texto. A leitura do texto literário não deve estar desvinculada da fruição e do prazer estético em sala de aula. O processo de formação de leitores na escola, que através do letramento literário, deve proporcionar experiências de leitura prazerosas, aproximando cada vez mais o estudante do mundo da literatura.

É também relevante, na formação do leitor, uma sistematização na abordagem do texto literário, propondo atividades motivadoras e coerentes que levem o estudante a apropriar-se do que foi lido, construindo para si mesmo o sentido de determinada obra. Não basta apenas indicar livros para leitura extraclasse, mas direcionar atividades enriquecedoras para este leitor em formação.

Como este relato mostra, quando a leitura literária é posta como atividade principal do processo, os estudantes são capazes de se expressar sobre o que entenderam, de trocar ideias, opiniões e produzirem textos escritos. Isso prova que, muitas vezes, a rejeição pela leitura literária é devido à maneira como é conduzida em sala de aula. Os estudantes participantes desta pesquisa puderam expressar-se sobre o conto, construir um desfecho diferente e criativo, e compartilhar suas interpretações, o que é indispensável no processo de formação de leitores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

CÂNDIDO, A. [1988] **O direito à literatura.** In: *Vários Escritos.* Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola.** São Paulo: Global, 2007.

CORTÁZAR, Julio. **A valise de cronópio.** São Paulo: Perspectiva, 1993

COSSON, R.; PAULINO, Graça. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania M.K.(orgs.).**Escola e leitura: velha crise, novas alternativas.** São Paulo: Global, 2009.

_____. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2014.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 2000.

PARAMETROS PARA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESTADO DE PERNAMBUCO: **Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental e Médio.** Secretaria de Educação de Pernambuco. Pernambuco: 2012.

ZILBERMAN, Regina. Sim, a literatura educa. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro. **Literatura e pedagogia.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.